



Clínio, da Casa Rodrigues, diz que estacionamento é problema

REVITALIZAÇÃO

PMS FMLF GERIN	
BIBLIOTECA	
Jornal <i>Carta Yucatan</i>	
Data <i>18/09/01</i>	
Caderno <i>Brasil</i>	Página <i>03</i>
Seção	
Assunto	
<i>Isue de entrop</i> RUA CHING	

Projeto tenta resgatar poderio da Rua Chile

Adriano Villela, de Salvador
avilela@gazetamercantil.com.br

Localidade que já abrigou as sedes dos executivos estadual e municipal, lojas tradicionais e empreendimentos de lazer e rica em prédios históricos, a rua Chile está mais próxima de ser revitalizada. A idéia partiu do presidente do legislativo municipal, Emmerson José (PFL), aproveitando o centenário da atual denominação do logradouro, em julho de 2002. A apresentação das propostas da Câmara, elaborada em conjunto com 'notáveis' da região, acontece num café da manhã programado para hoje, no Hotel Palace. O prefeito Antonio Imbassahy também planeja intervir na área.

Entre elogios, sugestões e algum descrédito, tradicionais empresários da Rua Chile dão sua opinião sobre os propostas. O proprietário do Hotel Palace, Luis Carrera, reclama da falta de estacionamento. Na opinião dele, o anúncio da recuperação física e cultural da Rua Chile e iniciativas como o hotel que o publicitário Nizan Guanaes pretende instalar no antigo prédio da A Tarde, na Praça Castro Alves, trarão maior fluxo de pessoas de poder aquisitivo para a região e a oferta de vagas não suportaria a demanda de veículos.

Mesmo 'pegando no batente' às 7 horas, o proprietário da Casa Rodrigues, loja de tecidos e confecções Casa Rodrigues, Antônio Clí-

nio, não encontra onde estacionar. Ele deixa o carro no estacionamento de São Raimundo e se utiliza de um ônibus para chegar na loja. Clínio acha que é preciso também abrir novos acessos para a Rua Chile. "Praticamente só temos a Avenida Sete". O comerciante afirma ter 63 anos de Rua Chile, acompanhando o famoso logradouro 3 anos antes de abrir sua loja. Já Carrera sugere o aproveitamento subterrâneo da Praça Castro Alves na construção de um edifício garagem.

O relojoeiro Antônio Marcelino é mais pragmático. Instalado no edifício Antônio Ferreira, ele considera infrutífera a reforma externa na Chile sem se investir nas lojas. "Com dinheiro para fazer vitrines e comprar novas mercadorias, o consumidor a gente arranja", comenta. Antônio Miranda, da tradicional loja de roupas O Adamastor, é mais otimista. "Se vão fazer alguma coisa não pode ser para piorar", avalia. Ele está há 50 anos na Rua Chile.

Neste período, ele viu empreendimentos como Sloop, Duas Américas, Nova América e Confeitaria Chile fecharem as portas. Fã número um da Rua Chile, ele afirma praticamente viver no local, apenas dormindo na sua residência. O lojista quer conhecer melhor o projeto até dar uma opinião definitiva. Luís Carreira defende como medida complementar a mudança da prefeitura para o Palácio Rio Branco, anti-

ga sede do governo estadual. Além da arquitetura do imóvel diferente do restante da região, o espaço pode funcionar como um mirante com vistas para a cidade baixa e a Baía de Todos os Santos. O entorno da Chile seria um bom lugar para concentrar as secretarias municipais, na ótica do dono do Palace. "Na maioria dos países, a parte histórica é motivo de orgulho, centralizando o comércio, as sedes dos bancos e o poder público", defende ele.

FESTEJOS

Apresentado em junho passado, o projeto 'Rua Chile/100 anos Séc. XXI', do vereador Emmerson José, foi aprovado por unanimidade e é encampado institucionalmente pela Câmara. A iniciativa prevê uma série de atividades até o centenário do logradouro, envolvendo teatro, música, gravuras e pinturas. Em parceria com o Memorial da Câmara, Fundação Pedro Calmon, Fundação Gregório de Mattos, uma pesquisa coletará fotos históricas do lugar, o que resultará numa exposição itinerante.

Ao lado das partes comercial e política, Clínio comenta que a Rua Chile era também da boemia. Um dos programas mais tradicionais em meados do século anterior era o cassino do Hotel Palace. "As melhores mulheres da cidade passavam por aqui", lembra o comerciante. A rua

atraía também frequentadores de bares, jogadores de sinuca e espectadores dos cinemas Guarani e Glória, sem contar os habituês da famosa Tabaris.

O alargamento da calçada, como foi feito na avenida Manoel Dias da Silva, no bairro da Pituva, e o deslocamento dos fios para espaços subterrâneos são algumas das propostas estudadas pela prefeitura. É possível que os 'novos' postes sejam de ferro, lembrando os modelos do período áureo da rua. Segundo a assessoria da Secretaria Municipal de Infra-Estrutura (Semin), o projeto ainda está na fase preliminar. Também em parceria com o governo do estado, este ano está sendo recuperada a vizinha Rua da Misericórdia, onde fica a prefeitura. A obra também pode inspirar os projetos para a Rua Chile.

Ligando a Misericórdia à Praça Castro Alves, o logradouro é considerado a primeira via da cidade. Ela recebeu sua denominação final em julho de 1902, em homenagem a visita de uma esquadra da Marinha chilena a capital baiana. Salvador enfrentava uma epidemia de peste bubônica e os marinheiros chilenos ajudaram muito a população, inclusive doando sangue, explica Paulo Lebram, um dos integrantes da comissão da Câmara que elabora os festejos. Já foi designada como Rua Direita dos Mercadores, rua Direita das Portas de Santa Luzia e rua Direita do Palácio. ■



FOTO: CRISTINA DAMASCENO

Marinha chilena deu nome em 1902